

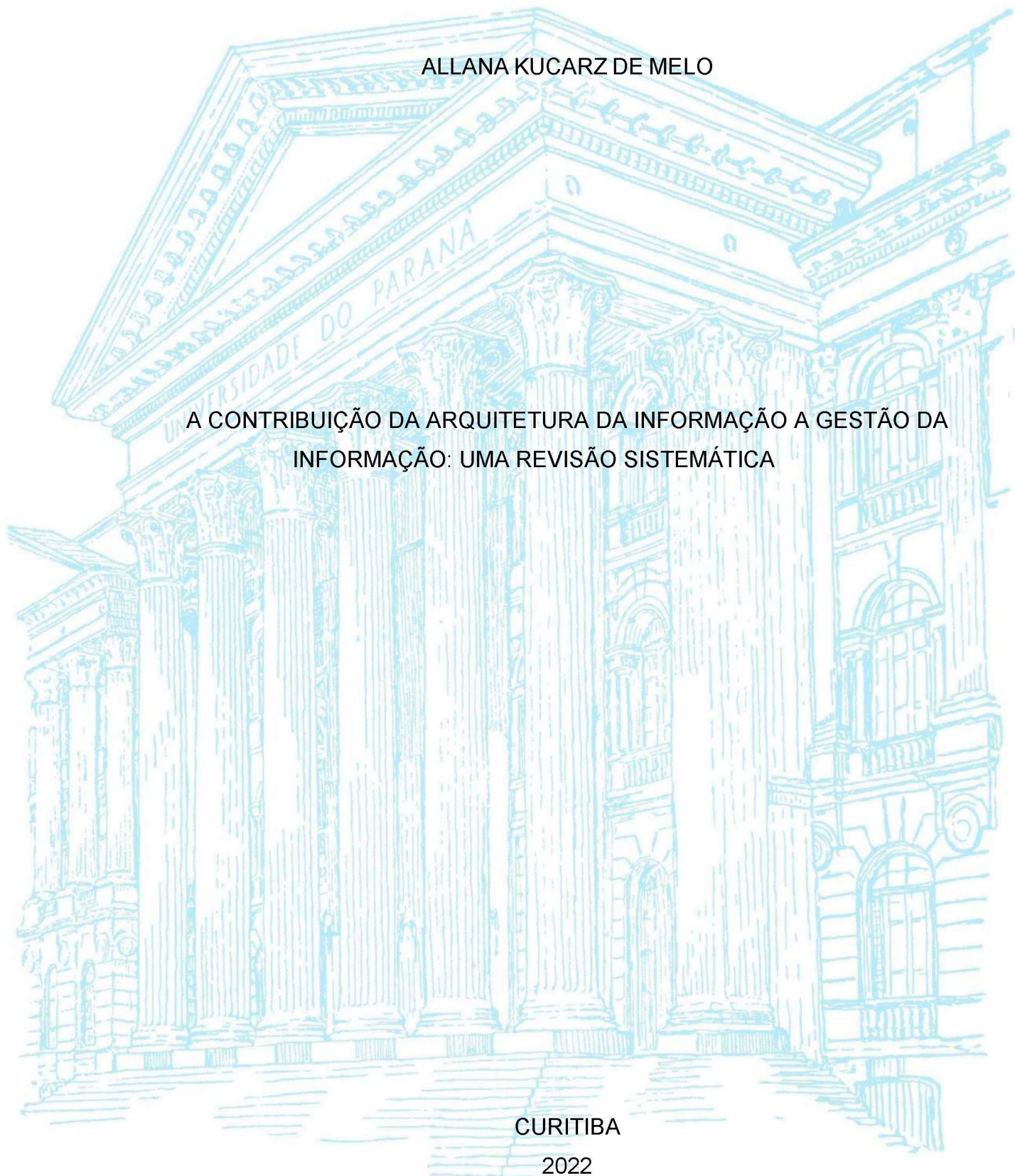
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALLANA KUCARZ DE MELO

A CONTRIBUIÇÃO DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO A GESTÃO DA  
INFORMAÇÃO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

CURITIBA

2022



ALLANA KUCARZ DE MELO

A CONTRIBUIÇÃO DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO PARA A GESTÃO  
DA INFORMAÇÃO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharel em Gestão da Informação, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Gestão da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Tedeschi.

CURITIBA

2022

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos docentes do Departamento de Ciência e Gestão da Informação (DECIGI) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), por compartilhar seus conhecimentos agregando na minha carreira profissional de gestora da informação.

Ao professor Dr. Marcos Antônio Tedeschi, à minha admiração e gratidão aos conhecimentos compartilhados, conversas e ideias. Obrigado também por ter aceitado me orientar e ter abraçado minhas motivações ao desenvolver o tema.

Aos meus familiares, em especial meus pais, Silvia e Jamur, minhas irmãs Francielly e Mariana, pelo apoio e suporte, compreensão e paciência. Seguimos construindo laços ainda mais fortes.

Aos meus amigos, agradeço por terem me apoiado com palavras de incentivo e de suporte. Em especial, agradeço ao meu amigo Wesley Marques, por ter sido meu braço direito e ombro amigo, pelas inúmeras conversas com muitas risadas, mas também com muitos desabafos. Muito obrigado Wesley, por tornar toda a jornada da faculdade mais leve, sempre buscando olhar as coisas boas, e também me ensinado a vê-las. Construímos uma amizade de lealdade e respeito, vou levá-lo como um presente da faculdade para a vida, um irmão.

“A informação pode ser algo infinito, mas os esquemas para organizá-las não são muitos e possibilitam que o usuário tenha uma visão de como está classificada toda a informação de modo a dar-lhe previsibilidade e aumentar a sua compreensão”.

AGNER, 2018.

## RESUMO

O presente trabalho busca apresentar como a arquitetura da informação contribui para a gestão da informação. Detalha os objetivos da pesquisa em identificar o que existe de comum entre ambas as áreas; realizar uma revisão sistemática para identificar quais artigos trazem a arquitetura da informação e gestão da informação para compor seus resultados; e a identificar às contribuições existentes partindo de uma área à outra. Pontua que a área de arquitetura da informação procura reunir, organizar e apresentar a informação para estruturar espaços informacionais. Já a área de gestão da informação está preocupada em gerenciar a informação a partir de processos definidos e estabelecidos para atender demandas informacionais. A partir da revisão sistemática, foi possível coletar artigos que tragam essas duas áreas do conhecimento como discussão principal. Encontra que, a arquitetura da informação pervasiva e o mapeamento da informação são os artefatos que utilizam a arquitetura e a gestão da informação como meios para a apresentação de seus resultados. Constata também que o valor e a geração da informação como principal recurso para corroborar com a arquitetura e gestão da informação. Conclui, então, que existe a contribuição da arquitetura da informação para a gestão da informação, mas que há pouco material disponível que contemple, de maneira conjunta, as grandes áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Informação. Arquitetura da Informação. Gestão da Informação.  
Método PRISMA.

## **ABSTRACT**

The present work seeks to present how information architecture contributes to information management. It details the research objectives to identify what exists in common between both areas; carry out a systematic review to identify which articles bring information architecture and information management to compose their results; and to identify existing contributions from one area to another. It points out that the area of information architecture seeks to gather, organize and present information to structure informational spaces. The information management area is concerned with managing information based on defined and established processes to meet informational demands. From the systematic review, it was possible to collect articles that bring these two areas of knowledge as the main discussion. It finds that pervasive information architecture and information mapping are artifacts that use information architecture and management as a means to present their results. It also notes that the value and generation of information as the main resource to corroborate with the architecture and management of information. It concludes, then, that there is a contribution of information architecture to information management, but that there is little material available that jointly contemplates the great areas of knowledge.

Keywords: Information. Information Architecture. Information management.  
Prism Method.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - PIRÂMIDE INFORMACIONAL.....	15
FIGURA 2 - MODELO PARA GESTÃO DA INFORMAÇÃO .....	22
FIGURA 3 - CICLO DE VIDA DA INFORMAÇÃO (OU ATIVIDADES DO MACROPROCESSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO) .....	25
FIGURA 4 - CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA.....	31
FIGURA 5 - APLICAÇÃO DO MÉTODO PRISMA .....	34
FIGURA 6 - DIAGRAMA DE ATIVIDADES DO PROCESSO DE MAPEAMENTO DE INFORMAÇÕES .....	45

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS ENTRE DADOS, INFORMAÇÕES E CONHECIMENTO.....	17
QUADRO 2 - CARACTERÍSTICAS QUE CONFEREM VALOR À INFORMAÇÃO ...	18
QUADRO 3 - ETAPAS DA REVISÃO SISTEMÁTICA.....	32
QUADRO 4 - ETAPA 4: CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE .....	33
QUADRO 5 - HEURÍSTICAS PARA A ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO PERVERSIVA.....	37
QUADRO 6 - INTER-RELAÇÃO ENTRE GESTÃO DA INFORMAÇÃO E ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO .....	39
QUADRO 7 - SUBPROCESSOS DO MAPEAMENTO DA INFORMAÇÃO .....	42
QUADRO 8 - ESQUEMA DE CLASSIFICAÇÃO .....	43
QUADRO 9 - ANÁLISE DOS PROCESSOS DA GESTÃO DA INFORMAÇÃO E COMPONENTES DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO NOS RESULTADOS DOS ARTIGOS ANALISADOS .....	48



## LISTA DE TABELA

TABELA 1 - PALAVRAS-CHAVE DE BUSCA E QUANTIDADE DE ARTIGOS RECUPERADOS .....	33
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AI - Arquitetura da informação
- GI - Gestão da informação
- TIC - Tecnologia da informação

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1	OBJETIVOS DA PESQUISA .....	13
1.1.1	Objetivo geral .....	13
1.1.2	Objetivo específico .....	14
1.2	JUSTIFICATIVA.....	14
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>15</b>
2.1	INFORMAÇÃO .....	15
2.1.1	O VALOR DA INFORMAÇÃO .....	17
2.1.2	ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO.....	19
2.1.3	GERAÇÃO DA INFORMAÇÃO .....	20
2.2	GESTÃO DA INFORMAÇÃO .....	22
2.3	ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO.....	26
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
3.1	EXPLICAÇÃO DAS ETAPAS .....	32
3.2	APLICAÇÃO DO MÉTODO PRISMA .....	34
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>36</b>
4.1	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ARTIGO 1 .....	36
4.2	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ARTIGO 2 .....	41
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO .....</b>	<b>47</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O campo de atuação da área de Gestão da Informação (GI) é amplo e requer especificidade quando relacionado a outra área. Já os estudos da arquitetura da informação é um campo ainda em consolidação, e entre os autores há aspectos convergentes e divergentes (CAMARGO, VIDOTTI, 2011, p. 3). Isso porque o recurso principal, entre essas áreas, é a informação e ela depende da aplicação em contexto. Razzolini Filho (2020, p. 46) reflete que conceituar informação não é uma tarefa das mais simples, e endossa que um dos motivos para essa dificuldade é o fato de o conceito de informação ser derivado dos conceitos de dado e conhecimento, igualmente difíceis de definir.

Para conceber uma sociedade na qual todos possam criar, acessar, utilizar e compartilhar informação e conhecimento é o desafio que se impõe a todas as nações e corporações no mundo atual (TARAPANOFF, 2006 *et al.*, p. 19). A autora também pondera que o uso intenso e massivo de tecnologias da informação e comunicação (TIC) fazem com que os ativos intangíveis adquiram importância crescente.

Tarapanoff *et al.* (2006) afirma que:

"A era pós-industrial caracteriza-se pelo extraordinário aumento das redes de informação baseadas em computadores. Como consequência, mais e mais pessoas conquistaram acesso à informação. Surge, então, a sociedade em rede, determinada pela revolução tecnológica, que impulsionou o estabelecimento de um modelo econômico voltado para a produção de bens e serviços de informação. No contexto organizacional, a geração e troca de informações e conhecimentos tornaram-se decisivas, e a capacidade de gestão de recursos informacionais passou a ser um diferencial, definindo a produtividade e possibilitando a competitividade no mercado globalizado" (TARAPANOFF *et al.*, 2006, p. 241)

O gerenciamento de informações está presente em todos os contextos organizacionais e tem um ganho exponencial quando seu ambiente é digital. Na "Era da Informação", termo cunhado por Sendov (1994), as informações, potencializadas pelo uso da internet de maneira doméstica, passaram a ter velocidade e volume incontáveis devido a facilidade de uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC). As tecnologias da informação e da comunicação têm alterado de maneira substancial o modo como a informação é organizada e acessada, assim como o volume de informação disponível para o acesso da humanidade (AGNER, 2018, p.

107). As organizações, então, tentam tirar proveito do volume significativo de informações e buscam criar estratégias para utilizá-las em suas tomadas de decisões.

Para que esse proveito do volume de informações tenha efeitos positivos nas organizações, o processo de monitoramento do ambiente em que a organização atua (interno ou externo) mostra que é necessário analisar constantemente os seguintes ambientes: político, econômico, social, tecnológico, ambiental, legal e informacional. Para Razzolini Filho (2020) o monitoramento de informações é responsável por acompanhar com frequência dados, informações e conhecimentos que possam ser relevantes ao negócio.

“A Era da Informação tornou ainda mais importante o monitoramento do ambiente informacional, principalmente para identificar as melhores fontes de informação.” (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 38)

Na tentativa de cercar esse contexto, a Arquitetura da Informação (AI) e a Gestão da Informação (GI) são contextualizadas com objetivos comuns. A AI aparece como recurso para organizar os padrões de dados e transformar o que é complexo em algo claro para o cidadão em geral (AGNER, 2018). Já a GI preocupa-se com o valor, qualidade, posse, uso e segurança da informação no contexto do desempenho organizacional (TARAPANOFF *et al.*, 2006, p. 23).

Neste cenário, embora se tenha objetivos comuns, não está claro como a Arquitetura da Informação e a Gestão da Informação contribuem para o ambiente informacional. Sendo assim, é questionado: qual a contribuição da arquitetura da informação para a gestão da informação?

## 1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA

Para responder ao questionamento da pesquisa, é delimitado seu objetivo em geral e específico.

### 1.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é apontar o que existe de comum entre as temáticas arquitetura da informação e gestão da informação, bem como suas respectivas contribuições.

### 1.1.2 Objetivo específico

A partir do objetivo geral, a pesquisa busca enfatizar em:

- Levantar a literatura comum entre os conceitos de arquitetura da informação e gestão da informação;
- Identificar as contribuições da arquitetura da informação para a gestão da informação a partir da revisão sistemática de artigos
- Listar as contribuições da arquitetura da informação para a gestão da informação.

### 1.2 JUSTIFICATIVA

Apesar da gestão da informação e da arquitetura da informação utilizarem do mesmo recurso principal, a informação, identificou-se um *gap* significativo na quantidade de artigos que abordam essas duas temáticas. Há pouco material disponível para a leitura. A partir disso, justificasse a vontade de de apro

Na tentativa de recuperar a maior quantidade de conteúdos e materiais que aproximem as duas temáticas (AI e GI) a pesquisa, então, surge com o intuito de contextualizar teoricamente os termos, e como eles podem atuar contribuindo para o ambiente informacional a partir de uma revisão de literatura.

Para mais, a pesquisa contribui também para dar mais visibilidade ao espaço, teórico e prático, da gestão da informação no âmbito organizacional.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Para fundamentar esta pesquisa, foi necessário contemplar três áreas do conhecimento intrinsecamente relacionadas: à informação, a gestão da informação e a arquitetura da informação.

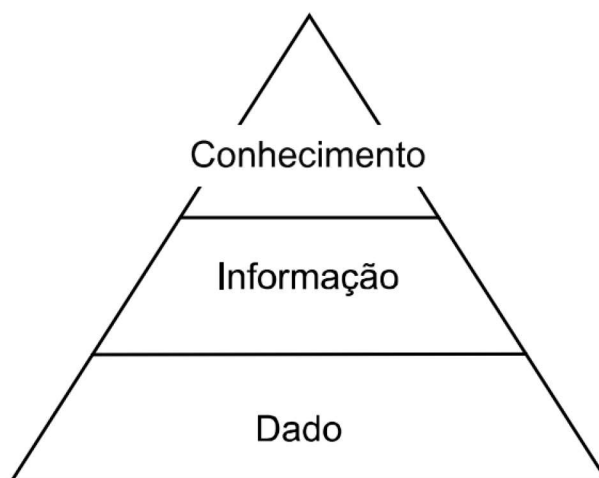
Neste capítulo serão apresentadas as definições, teorias e conceitos que orientam a pesquisa, com o objetivo de elucidar as áreas do conhecimentos, aqui dispostas, para fundamentar, contextualizar e orientar os resultados e discussões desta pesquisa.

### 2.1 INFORMAÇÃO

É possível entender a informação como um conjunto de dados providos de relevância e propósito. Bem como para compreender o conceito de conhecimento é necessário entender qual é o propósito da informação. Isso porque, como já mencionado, o conceito de informação é derivado dos conceitos de dado e conhecimento (RAZZOLINI FILHO, 2020).

A palavra informação vem do latim *informare*, que significa “dar forma”. Hierarquicamente, o conceito de informação está entre dado e conhecimento, conforme é possível visualizar na FIGURA 1.

FIGURA 1 - PIRÂMIDE INFORMACIONAL



FONTE: A autora, adaptado de DAVENPORT (1998)

Pode-se definir dado como coleções de evidências relevantes sobre um fato observado (SORDI, 2015, p. 9). O autor complementa que também podem ser agregados para a definição de dados a possibilidade de transmissão ou processamento por máquinas ou pelo homem; matéria-prima para a geração de informação; compreendem números, palavras e imagens (SORDI, 2015, p. 12).

Ao manipular dados, organizando-os e consolidando-os, ou seja, dando-lhes um propósito - o que genericamente se denomina “processamento de dados” -, geram-se informações (SORDI, 2015, p. 12).

Informação é a interpretação de um conjunto de dados segundo um propósito relevante e de consenso para o público (leitor) (SORDI, 2015, p. 13). Para o autor, a informação requer, obrigatoriamente, a mediação humana para definir o propósito a ser atendido pelo processamento de dados a ser realizado, de acordo com uma unidade de análise. Portanto, os conceitos referentes à informação devem ser de comum acordo entre os envolvidos com a informação para que haja uma interpretação coerente dos dados, independentemente de quem a realize (SORDI, 2015, p. 13).

Conhecimento é normalmente definido como informação estruturada. É o novo saber, resultante de análises e reflexões sobre informações segundo os valores e o modelo mental daquele que o desenvolve, proporcionando-lhe melhor capacidade adaptativa às circunstâncias do mundo real (SORDI, 2015, p. 15).

Em outras palavras, a geração do conhecimento ocorre quando o indivíduo tem ciência de fatos, verdades e informações que, agregados às suas experiências anteriores (aprendizados), são trabalhados (processados) segundo a capacidade de raciocínio e introspecção (SORDI, 2015, p. 15).

No QUADRO 1 é possível entender as principais diferenças entre dados, informação e conhecimento.



QUADRO 1 - CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS ENTRE DADOS, INFORMAÇÕES E CONHECIMENTO

CARACTERÍSTICAS	DADOS	INFORMAÇÃO	CONHECIMENTO
Estruturação, captura e transferência	Fácil	Difícil	Extremamente difícil
Principal requisito para a sua geração	Observação	Interpretação consensual	Análise e reflexão
Natureza	Explícita	Predominantemente explícita	Predominantemente tácita
Percepção de valor no contexto administrativo	Baixa	Média	Grande
Foco	Operação	Controle e gerenciamento	Inovação e liderança
Abordagens administrativas que os promovem	Execução de transações de negócios, processamento de dados	Gerenciamento de informação	Gestão do conhecimento (KM), aprendizagem organizacional
Tecnologias que os promovem	Sistemas de processamento de dados (EDP, batch, OLTP)	Sistemas de informações gerenciais (MIS), sistemas de suporte à decisão (DSS) e sistemas executivos de informação (EIS)	<i>Data mining, text mining, natural language processing systems, sistemas especialistas, sistemas de inteligência artificial</i>

FONTE: Adaptado de SORDI (2015, p.17).

Razzolini Filho (2020, p. 45) endossa que “a transformação de dados em informações deve ser vista, simplificada, como um tipo de pré-processamento de um processo de elaboração”. Já o conceito de informação, extraído da reflexão teórica, muda de acordo com o contexto e a finalidade (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 45).

Para Tarapanoff *et al.* (2006, p. 23) “a informação é um fator determinante para a melhoria de processos, produtos e serviços, tendo valor estratégico em organizações”.

### 2.1.1 O VALOR DA INFORMAÇÃO

Uma vez estabelecida a hierarquia entre dados, informações e conhecimento, é importante entender que existem outras características a serem consideradas sob a

perspectiva da informação, como por exemplo, o valor da informação para a organização (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 48).

Davenport e Prusak (1998, p. 151-156) apontam seis características principais que criam valor para a informação, descritas no QUADRO 2

QUADRO 2 - CARACTERÍSTICAS QUE CONFEREM VALOR À INFORMAÇÃO

<b>Característica</b>	<b>Descrição</b>
Exatidão	Associa-se à coleta de dados sem erros: para ser percebida como valiosa e utilizada com confiança, a informação deve ser exata.
Oportunidade	Relaciona-se à utilidade: uma informação só é útil se for atualizada, oportuna, na perspectiva de que o usuário precisa.
Acessibilidade	Diz respeito ao acesso: quando é difícil de ser localizada, pode não valer a pena procurá-la; o acesso precisa ser facilitado por documentos e sistemas estruturados.
Envolvimento	Relaciona-se à maneira como a informação pode envolver o usuário potencial, depende da forma como é apresentada, como a informação é “vendida” como útil para os usuários.
Aplicabilidade	É medida pelo seu uso. A informação deve ter aplicação direta para equacionar problemas ou apoiar decisões, sem que seja necessária mais análise ou rearranjo de dados.
Escassez	Quanto maior for a raridade, maior será o valor. Trata-se de uma informação gerada internamente na organização, inacessível à concorrência, dada a restrição de acesso. Tem valor enquanto é escassa, ou seja, não circula livremente

FONTE: RAZZOLINI FILHO (2020), adaptado de DAVENPORT; PRUSAK (1998, p. 151-156).

O valor da informação, então, torna-se uma característica intrínseca, pois não depende de um processo ou rotina de em que esteja sendo usada. “Caso ela não apresente essas características, pode embasar decisões equivocadas, ameaçando o sucesso da organização” (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 48)

Há parâmetros para a concepção do valor da informação, cujo os critérios são, segundo Razzolini Filho (2020):

- valor de uso - baseia-se na utilização final da informação;
- valor de troca - é o custo que o usuário está disposto a pagar para obtê-la. Varia conforme as leis de oferta e demanda, podendo também ser denominado de valor de mercado;
- valor de propriedade - reflete o custo substantivo de um bem;

- valor de restrição - relacionado a informações secretas ou de interesse comercial, quando o acesso está restrito a poucas pessoas.

Cortês (2008, p. 26) afirma que os dados:

“são sucessões de fatos brutos, que não foram organizados, processados, relacionados, avaliados ou interpretados, representando apenas partes isoladas de eventos, situações ou ocorrências. Constituem as unidades básicas, a partir das quais informações poderão ser elaboradas ou obtidas” (CORTÊS, 2008, p. 26)

Entende-se aqui que a elaboração da informação, bem como sua obtenção, parte de uma coleção de dados sistematicamente organizados, conhecidos como sistemas de informação. Com isso, é entendido que dados são mais do que simplesmente a matéria-prima dos sistemas de informação, devem ser encarados como recursos de dados (RAZZOLINI FILHO, 2020). Os recursos de dados dos sistemas de informação podem ser entendidos como a essência de uma arquitetura informacional, tendo o suporte da tecnologia da informação (TI). Geralmente, esses recursos de dados se organizam em banco de dados, que guardam dados processados e organizados; e base de conhecimento, que guardam conhecimento em uma multiplicidade de formas (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 71).

Razzolini Filho afirma que:

“[...] os dados geralmente são submetidos a um processo de valor agregado chamado de processamento de dados ou processamento da informação. Sua forma é agregada, manipulada e organizada; seu conteúdo, analisado e avaliado. E, então, é colocado em contexto a um usuário humano, de forma que o usuário saiba exatamente o que fazer com aquele dado ou informação. Assim, a informação deve ser encarada como dados processados, inseridos em um contexto que lhes confere valor, para usuários finais específicos” (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 71).

Para que o valor da informação seja realmente tenha impactos positivos na organização, é necessário estruturá-las. Assim, é possível ter o gerenciamento efetivo sobre elas.

### 2.1.2 ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO

Segundo Sendov (1994), a informação em si mesma é epimaterial, ou seja, sempre transportada por algum meio material. Porém não devemos confundir a

informação com o seu meio de transporte. Com a evolução dos recursos de tecnologia da informação [...], os computadores e os recursos de telecomunicação se tornaram as principais ferramentas de processamento da informação (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 72).

No artigo “Entrando na Era da Informação”, Sendov (1994) indica que computadores e outros recursos de TIC, como softwares e redes, “são os instrumentos básicos para processar e fornecer comunicação”, ou seja, o autor denomina essas ferramentas como estruturas da informa. O autor entende que o processo de comunicação não é recurso consumido, e sim a informação.

A estrutura da informação obedece a lógica da construção de um muro, como exemplifica Razzolini Filho. Os tijolos vão sendo assentados uns sobre os outros, formando então a estrutura. Cada peça é suportada pela camada inferior e base para a superior. Nosso muro da informação é composto por dados, metadados, a informação em si, pelo conhecimento, pela inteligência, até um nível superior em que se encontraria a sabedoria (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 72).

Para Razzolini Filho (2020, p. 78), sobre a estrutura da informação, é entendido que:

“O nível mais baixo da estrutura informacional é o dado. Em seguida, encontramos metadados, que rotulam os dados, e, por fim, a informação em si. Para que a informação exista, ela precisa ser gerada de alguma forma na mente humana. Isto é, necessita interpretação, significado e relevância - o que só pode ser construído por alguma representação subjetiva elaborada pelo ser humano.” (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 78)

### 2.1.3 GERAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Sordi (2015, p. 12) afirma que para que a informação seja gerada, é preciso, necessariamente, que os dados sejam processados, utilizando uma sequência ordenada de operações aritméticas e lógicas. Ao entender dados, também entende-se o que é informação, pois, para Cortês (2008, p. 26), quando os dados passam por algum tipo de relacionamento, avaliação, interpretação ou organização, tem-se a geração da informação.

Ao explorar a geração da informação, Razzolini Filho (2020, p. 79), à divide em três perspectivas: como coisa; como conhecimento, e como processo. “A abordagem da informação como coisa a distância do indivíduo que lhe confere

significado ou relevância. Trata-se de uma informação construída sem intervenção humana, exceto, talvez, no seu design ou pela arquitetura informacional”.

“A informação entendida como conhecimento reporta ao conhecimento tácito, gerado na mente de um indivíduo. É abstrato, impossível de ser transferido de forma plena, integral. O possuidor dessa informação atribui a ela um significado, que pode ser distinto do sentido presente na arquitetura informacional previamente definida. Dessa forma, passa a ser entendida como conhecimento” (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 79).

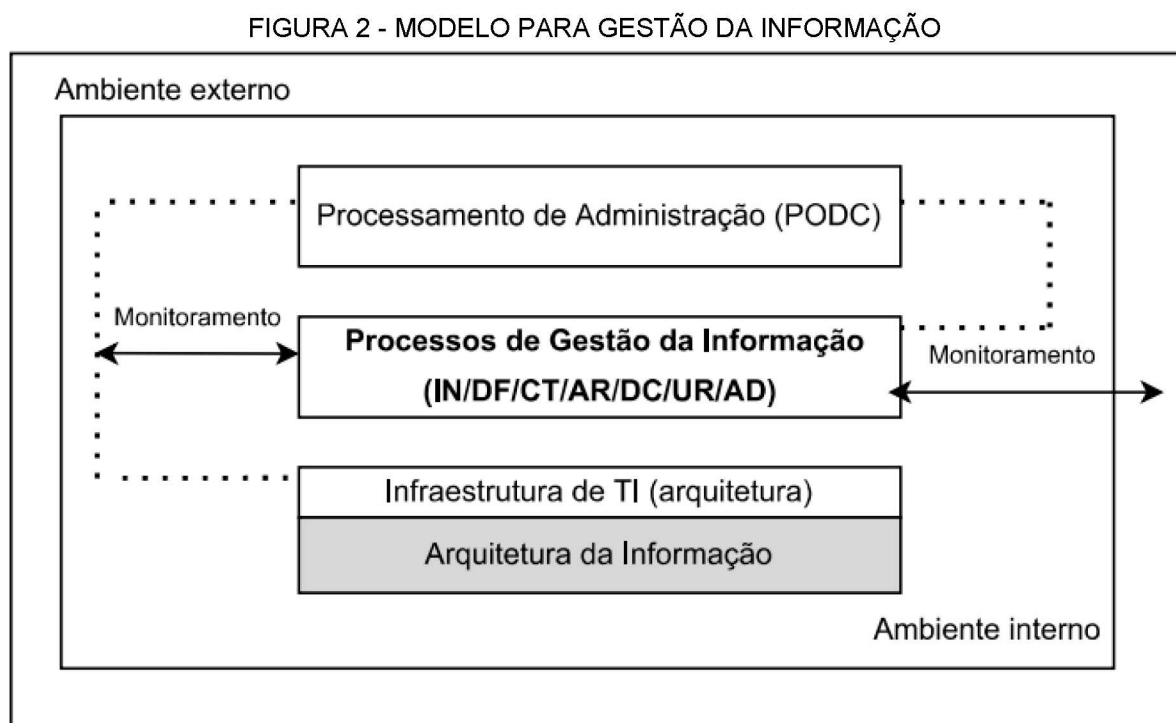
“Por fim, a informação concebida como processo é a que mais se aproxima do conjunto de atividades que caracterizam a gestão da informação. Esta exige a contínua mediação humana no sentido de concretizar ações informacionais para seus usuários. Ao utilizar essa informação, esses usuários geram novas informações, que podem então ser usadas em novas situações. Perceba o ciclo se repetindo de forma potencialmente infinita. É isso o que caracteriza como processo.” (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 79).

## 2.2 GESTÃO DA INFORMAÇÃO

A gestão da informação preocupa-se com o valor, qualidade, posse, uso e segurança da informação no contexto do desempenho organizacional (TARAPANOFF *et al.*, 2006, p. 23). Seu processo é definido como o conjunto de meios usados sistematicamente na aquisição, avaliação e produção dessa informação (TARAPANOFF *et al.*, 2006, p. 25). A autora destaca, quanto às funções e características desse processo, quatro funções de base principais, são elas:

- Domínio (defesa e promoção) do know-how científico e tecnológico;
- Detecção dos riscos e das oportunidades no mercado interno e externo;
- Capacidade de definir estratégias individuais e coletivas adequadas;
- Definir as estratégias de influência em apoio às ações (TARAPANOFF *et al.*, 2006, p. 25).

Razzolini Filho (2020) define a gestão da informação (GI) como um macroprocesso, e propõe o seguinte modelo para a GI, conforme FIGURA 2:



FONTE: RAZZOLINI FILHO (2020).

O objetivo da GI é garantir que as informações sejam acessadas por seus usuários no momento certo para a tomada de decisões. Para isso, Razzolini Filho

(2020, p. 31) afirma que “a gestão da informação pode ser entendida como um processo que inclui a busca, identificação, classificação, processamento, armazenamento e disseminação de informações”. Isso independe do meio ou do formato em que essa informação está disponível, se em documentos físicos ou digitais.

Os processos que integram o macroprocesso da gestão da informação, conforme representados na FIGURA 2, segundo Razzolini Filho (2020), são:

- Identificação das necessidades: é a etapa em que o gestor da informação estabelece, em conjunto com os usuários, quais são, efetivamente, as necessidades de informação. Portanto, é o usuário que determina qual informação é necessária para o desempenho de suas atividades (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 34). Segundo Davenport e Prusak (1998, p. 176) “*determinar as exigências da informação é um problema difícil, porque envolve seus ambientes informacionais*”.
- Definição de fontes (DF): uma vez estabelecidas as necessidades do usuário, cabe ao gestor da informação identificar onde vai buscar os dados. Tais fontes podem ser de origem interna ou externa à organização, e de diversos níveis (primário, secundário, etc.). É necessário definir propriamente onde serão obtidos os dados ou informações - o que se traduz por exploração do ambiente informacional (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 34).
- Coleta e tratamento (CT): concluídos os passos anteriores, cabe ao gestor realizar a coleta de dados e realizar o tratamento destes “na forma correta”, isto é, transformá-los em um produto ou serviço de informação para os usuários. A coleta pode ser automatizada. Uma vez coletada, o tratamento da informação deve ser organizado, formatado, estruturado, classificado, analisado, sintetizado e indexado. Ainda na etapa de tratamento, o armazenamento deverá ser planejado de forma a assegurar a integridade e a disponibilidade dos dados e informações. (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 34-35).
- Armazenamento (AR): busca conservar a informação até que ela seja apresentada ao usuário somente no momento oportuno. O armazenamento também deve ser planejado criteriosamente, pois é essencial para assegurar a conservação dos dados e informações. Dessa forma, eles podem ser

utilizados e reutilizados sempre que necessário. (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 35)

- Disseminação/comunicação (DC): busca distribuir e comunicar no momento oportuno, ou seja, quando existe a necessidade de uso. A informação deve ser disponibilizada ao usuário certo, na forma certa. Esse fluxo é organizado com mecanismos de comunicação. Quanto mais bem estruturados são esses canais de comunicação, mais eficiente será a disseminação da informação. Além de se preocupar com os canais internos, é necessário pensar também nos canais de comunicação com os públicos externos à organização, como fornecedores, clientes, etc. (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 35).
- Utilização/reutilização (UR): o uso da informação é a etapa mais importante, pois é o que justifica a sua existência. O uso adequado da informação permite ao usuário combinar informações e, conseqüentemente, pela prática, irá adquirir novos conhecimentos. Isso faz com que o ciclo da informação seja realimentado. Essa realimentação implica reutilizar a informação em um novo nível de conhecimento organizacional. (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 36)
- Avaliação/descarte (AD): etapa onde é verificado se determinada informação ainda é pertinente e pode ser utilizada numa próxima vez, ou se a informação já não condiz mais com sua aplicabilidade e outras características de seu valor. Se deixar de representar valor para a organização, terá completado seu ciclo de vida e deverá ser descartada. Caso contrário, deverá ser armazenada novamente, aguardando nova utilização em um momento oportuno (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 36).

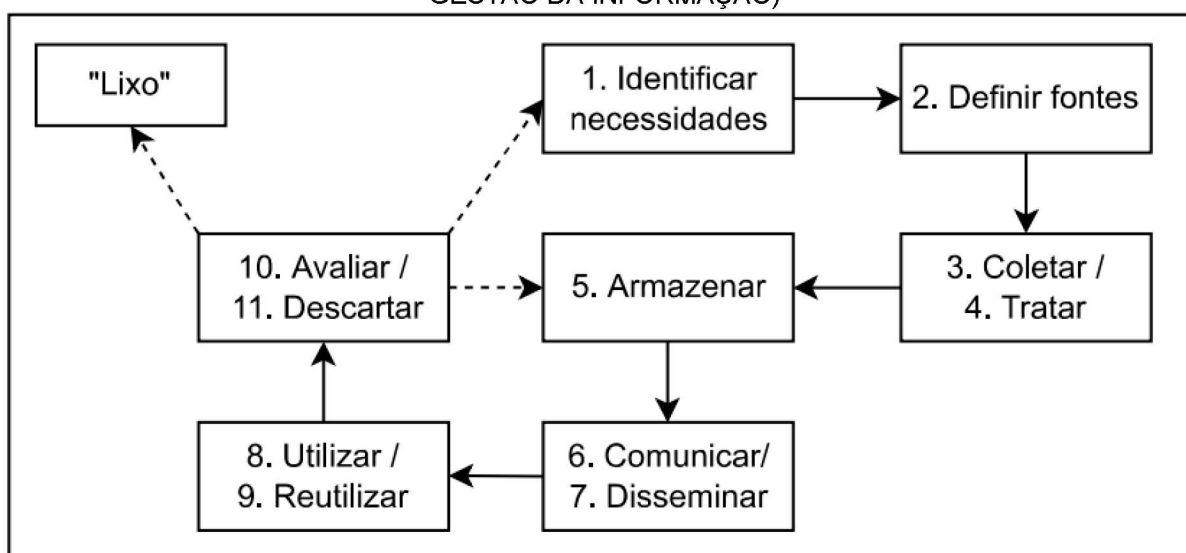
Saber qual é a função de cada aspecto dentro do processo de gestão da informação auxilia o monitoramento de ambiente, e também o ambiente informacional, a compor o macroprocesso da gestão da informação. Segundo Razzolini Filho (2020), “o monitoramento de informações é responsável por acompanhar com frequência dados, informações e conhecimentos que possam ser relevantes ao negócio”. Cada aspecto do processo que compõe o macroprocesso da gestão da informação se interrelacionam com o processo de monitoramento do ambiente (interno ou externo) de atuação da organização. Razzolini Filho (2020, p. 42-43) afirma que “é necessário monitorar constantemente os ambientes político, econômico-financeiro, social,



tecnológico, ambiental, legal e informacional. E neles, identificar fontes de dados e informações”.

Com o apoio da tecnologia da informação, a gestão da informação oferece ao usuário a informação sob medida, customizada, no nível de detalhe necessário à execução das atividades. Então, também é possível concluir que o processo de gestão da informação também pode ser compreendido como o próprio ciclo de vida da informação (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 40). A FIGURA 3 exemplifica o ciclo informacional:

FIGURA 3 - CICLO DE VIDA DA INFORMAÇÃO (OU ATIVIDADES DO MACROPROCESSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO)



FONTE: RAZZOLINI FILHO (2020).

Tarapanoff *et al.* (2006, p. 23) entende que:

"O ciclo informacional é iniciado quando se detecta uma necessidade informacional, um problema a ser resolvido, uma área ou assunto a ser analisado. É um processo que se inicia com a busca da solução a um problema, da necessidade de obter informações sobre algo, e passa pela identificação de quem gera o tipo de informação necessária, as fontes e o acesso, a seleção e aquisição, registro, representação, recuperação, análise e disseminação da informação, que, quando usada, aumenta o conhecimento individual e coletivo" (TARAPANOFF *et al.*, 2006, p. 23).

Razzolini Filho (2020, p. 41) constata que informação relevante (boa) é aquela útil à gestão da organização. "A Era da Informação tornou ainda mais importante o monitoramento do ambiente informacional, principalmente para identificar as melhores fontes de informação" (RAZZOLINI FILHO, 2020, p. 38).

## 2.3 ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO

O termo “arquitetura da informação” foi criado em 1976, pelo arquiteto Richard Saul Wurman, em 1970. Para Wurman, segundo Lima-Marques e Macedo (2006, p. 245), a reunião, a organização e a apresentação da informação serviam a propósitos característicos aos das tarefas da arquitetura. A arquitetura da informação seria uma expansão da profissão da arquitetura, porém aplicada a espaços de informação (LIMA-MARQUES; MACEDO, p. 245). Agner (2018, p. 111) define a arquitetura da informação como a prática que se ocupa do projeto de espaços informacionais e de seus aspectos sociais, culturais e tecnológicos.

Lima-Marques e Macedo (2006, p. 246) entende que os espaços de informação necessitam de projetos de múltiplos níveis e que a experiência de vida do usuário naquele espaço é uma orientação direta advinda da arquitetura da informação. A articulação de relacionamentos entre diversos elementos de informação, a criação de trilhas através de oceanos de datas e a recuperação de conhecimentos formalizados caracterizam a construtiva e poderosa influência do desenho em espaços informacionais, com relacionamentos não menos influentes e construtivos do que os da arquitetura de construção de espaços físicos (LIMA-MARQUES; MACEDO, 2006, p. 248).

Camargo e Vidotti (2011, p. 4) afirmam que a arquitetura da informação, além de auxiliar na estruturação dos ambientes digitais, deve viabilizar os processos de gestão em geral, principalmente da gestão da informação e do conhecimento. Nesse contexto, é entendido que a AI fornece o suporte necessário às ações do processo de gestão da informação, visando facilitar a acessibilidade da informação armazenada garantindo, assim, tanto o processo decisório das organizações quanto a necessidade do usuário da informação (LIMA-MARQUES; MACEDO, 2006).

Para Lima-Marques e Macedo (2006):

“A função da arquitetura da informação seria a de estruturação do ambiente informacional, para viabilizar os processos de gestão. Uma arquitetura efetiva tem como consequência a economia de recursos e aumento da eficiência da organização, pois torna a informação adequada prontamente acessível aos gestores” (LIMA-MARQUES; MACEDO, 2006, p.250).

Para Agner (2018, p. 115) aponta que os componentes da arquitetura de informação podem ser compreendidos como quatro sistemas interdependentes, cada qual composto por regras próprias: sistemas de organização, de rotulação, de navegação e de busca.

- *Sistema de organização* - determina como são apresentadas a organização e categorização do conteúdo;
- *Sistema de rotulação* - define signos verbais (terminologia) e visuais (ícones) para cada elemento informativo e de suporte à navegação do usuário;
- *Sistema de navegação* - especifica caminhos para o usuário se mover pelo espaço informacional, utilizando os hiperlinks das interfaces.
- *Sistema de busca* - determina as perguntas que o usuário pode fazer e as respostas que vai obter no banco de dados usando suas palavras-chave.

Segundo Agner (2018, p. 116) é no sistema de organização da arquitetura de informação, consideram-se as estruturas e os esquemas informacionais. As estruturas de organização são divididas em taxonomias (hierarquias), banco de dados e redes (AGNER, 2018, p. 125-126).

- Taxonomias (hierarquias) - árvores genealógicas são exemplos de hierarquias, como também a divisão do mundo em reinos, classes e espécies e os organogramas empresariais. A taxonomia é a hierarquia de navegação e, se ela for mesmo adequada, não será notada pelo usuário. A classificação da informação de acordo com a taxonomia é o melhor jeito de começar um projeto de arquitetura. Se a taxonomia tiver um número demasiado de níveis hierárquicos, o navegante é obrigado a dar um número grande de cliques ou toques e pode ficar difícil encontrar a informação. Cinquenta links podem ficar adequadamente divididos entre oito categorias, com cerca de quatro a oito links por categoria. Ainda assim, é recomendável realizar testes de usabilidade para checar a validade das taxonomias (AGNER, 2018, p. 125)

- Banco de dados - uma base de dados é uma coleção de dados arranjados para a facilidade e velocidade da recuperação. É um conjunto de registros com diversos campos, como nome, endereço e telefone. Nos bancos relacionais (SQL), os dados são guardados em tabelas, nas quais as linhas são registros e as colunas são campos. Os dados de tabelas são ligados por uma série de chaves (AGNER, 2018, p. 125)
- Redes - são métodos de estruturar a informação de modo não linear. Seus componentes formam sistemas em rede ou teia, que podem conectar textos, dados, imagens, vídeos e áudio. Estes podem se conectar hierarquicamente, não hierarquicamente ou de ambas as maneiras. Essa estrutura flexível e complexa pode promover certa confusão, pois o usuário não forma um modelo mental da organização do site. Por isso, deve ser utilizado como estrutura complementar àquelas baseadas em hierarquias ou base de dados (AGNER, 2018, p. 125 - 126).

Já os esquemas, segundo Agner (2018, p. 116) são as regras para apresentação de itens específicos em uma página ou lista e podem ser classificados em ambíguos e exatos.

Os esquemas ambíguos apresentam a informação segundo métodos que não têm uma definição precisa e que se baseiam na subjetividade. Podem ser por temas, por tarefas, por público-alvo, por metáforas, e híbridos. (AGNER, 2018, p. 124)

- Por temas - os temas dividem as informações em diferentes assuntos ou perguntas a serem respondidas. Exemplos: editoriais de jornais, capítulos de livros, cursos acadêmicos, supermercados (AGNER, 2018, p. 124).
- Por tarefas - organizam o conteúdo por diferentes funções, objetivos ou processos. Utilizados em softwares e aplicações como comércio eletrônico, intranets, extranets e subsites. Exemplos: menus de aplicativos como editar, inserir e formatar (AGNER, 2018, p. 124).
- Por público-alvo - adequado quando se precisa customizar conteúdos para diferentes audiências, quebrando o site em mini-sites segundo interesse particular. Exemplos: conteúdos específicos para funcionários, para empresários, para estudantes (AGNER, 2018, p. 124).

- Por metáforas - orientam o usuário de maneira intuitiva por meio de assuntos novos, relacionando-os aos já conhecidos. Exemplo: metáfora do desktop nos computadores pessoais (AGNER, 2018, p. 124).
- Híbridos - quando são misturados elementos dos esquemas anteriores é normal que haja confusão uma vez que o usuário não forma um modelo mental do sistema” (AGNER, 2018, p. 124).

Os esquemas exatos dividem a informação entre seções bem definidas e mutuamente excludentes, e tornam óbvia a localização de itens. São adequados para usuários que sabem o que procuram. São apresentadas como alfabético, cronológico, geográfico e sequencial (AGNER, 2018, p. 124-125).

- Alfabético - esquema básico para enciclopédias, dicionários e listas telefônicas, é usado nos índices A-Z de websites (AGNER, 2018, p. 124).
- Cronológico - mostra em ordem cronológica os eventos. Exemplos: arquivamento de *press-releases*, diários e guias de televisão. Outro exemplo é a linha do tempo do Facebook (AGNER, 2018, p. 124).
- Geográfico - dados econômicos, políticos, sociais (e diversos outros) podem estar vinculados em termos geográficos. Exemplos: o aplicativo de trânsito Waze, a previsão de tempo, pesquisas populacionais, um atlas impresso de anatomia (AGNER, 2018, p. 125).
- Sequencial - ordena a informação por ordem de grandeza, valores ou pesos, em uma sequência de dados do maior para o menor, do mais caro para o mais barato ou vice-versa. Exemplos: ordenação de preços, ranking de natação, sucessos musicais (AGNER, 2018, p. 125).

Para Razzolini Filho (2020, p. 91):

“Quaisquer dados tratados e transformados em informação, seja iconográfica, impressa ou digital, precisam ser concebidos a partir de princípios que considerem as limitações dos indivíduos para compreender e utilizar tal informação. Isso significa que a arquitetura da informação necessariamente deve considerar um conjunto de elementos estruturais (associados a TICs) básicos para concretizar projetos de interação que considerem organização, busca, uso de metadados, recuperação, vocabulários controlados, tesouros, etc” (RAZZOLINI, 2020, p. 91).

Ao simplificar o entendimento da AI, Razzolini Filho (2020, p. 91) entende que a arquitetura da informação como uma estratégia que possibilita relacionar

adequadamente os dados e mesmo as informações, permitindo que sejam resgatados e utilizados da forma mais simples possível (amigável).

É possível, então, observar uma relação interdependente entre arquitetura da informação e gestão da informação, uma vez que a AI oferece estrutura para suportar os processos de GI. Ao passo que a GI garante o gerenciamento do ciclo informacional. (LIMA-MARQUES; MACEDO, 2006).

### 3 METODOLOGIA

O caráter do presente trabalho de conclusão de curso, quanto aos objetivos, é de uma pesquisa exploratória, pois busca investigar a contribuição da arquitetura da informação aos estudos de gestão da informação. Esse tipo de pesquisa "têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses a serem testadas em estudos posteriores" (GIL, 2019). Os estudos desta pesquisa visam explorar o conjunto temática gestão da informação e arquitetura da informação para trazer as principais reflexões sobre esse tema.

Tanto a gestão da informação como a arquitetura da informação precisam ser detalhadas, pois, envolvem uma série de elementos que contribuem entre si para a visão macro das áreas. Por esse motivo a abordagem da pesquisa é qualitativa, pois "esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem" (AUGUSTO et al., 2013).

FIGURA 4 - CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO		
OBJETIVO DA PESQUISA	ABORDAGEM DA PESQUISA	PROCEDIMENTOS TÉCNICOS
Exploratória	Qualitativa	Pesquisa bibliográfica
Dedutiva	Quantitativa	Pesquisa Documental
Explicativa	Quali-Quanti	Pesquisa experimental
		Revisão Sistemática
		Levantamento
		Estudo de caso
		Expost-facto
		Pesquisa ação
		Pesquisa participante

FONTE: A autora (2022).

A metodologia usada para a realização desta pesquisa, contemplando as etapas de obtenção de dados, redução de dados e categorização (GIL, 2019), é a revisão sistemática da literatura. Para elucidar as etapas da revisão sistemática foi utilizado o método PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and*

*MetaAnalyses*). Proposto por Moher *et al.* (2009), esse método tem como finalidade melhorar a qualidade do relato dos dados da meta-análise. O PRISMA é composto por um *checklist* de 27 itens e um diagrama de fluxo de seleção de artigos em quatro fases (identificação, seleção, elegibilidade e inclusão). Ambos (*checklist* e diagrama de fluxo) tiveram adaptação para esta pesquisa não sendo necessário utilizar os 27 itens.

No QUADRO 3 é possível verificar as etapas, a partir do *checklist* adaptado para a pesquisa, utilizadas para compor a revisão sistemática adotada para esta pesquisa.

QUADRO 3 - ETAPAS DA REVISÃO SISTEMÁTICA

ETAPAS	
1	Título identificando o trabalho como revisão sistemática
2	Revisão de literatura para contextualização do tema
3	Definição dos objetivos da revisão sistemática
4	Definição de critérios para a elegibilidade de textos
5	Listagem das fontes de informação
6	Descrição do método de busca dos textos
7	Descrição do método de seleção dos textos
8	Descrição do método de extração dos textos
9	Descrição da forma de análise
10	Descrição dos riscos e limitações

FONTE: A autora (2022).

### 3.1 EXPLICAÇÃO DAS ETAPAS

Concluídas as etapas 1 e 2 nas seções de Introdução e Revisão de Literatura, a etapa 3 consiste em definir o objetivo da revisão sistemática, que é: identificar as contribuições da arquitetura da informação nos estudos da gestão da informação. Então, a etapa 4 define os critérios de elegibilidade, conforme QUADRO 4.



QUADRO 4 - ETAPA 4: CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE DOS TEXTOS			
Universo de estudo	Tipo do texto	Idioma	Período
Arquitetura da Informação	Artigo	Português	De 2000 a 2021
Gestão da Informação			

FONTE: A autora (2022).

Como fonte de informação, etapa 5, foram definidas três bases de dados: CAPES, SciELO e BRAPCI. Essas bases foram escolhidas devido ao fato de que foram as únicas que retornaram um ou mais artigos envolvendo as duas áreas de foco da pesquisa, dentro dos critérios de elegibilidade definidos na etapa 4.

Na etapa 6 “descrição do método de busca dos textos” compreende quais metadados utilizados para a recuperação das informações irão compor a revisão sistemática. Para isso, os termos definidos para busca foram “arquitetura da informação” e “gestão da informação”, conforme TABELA 1 abaixo:

TABELA 1 - PALAVRAS-CHAVE DE BUSCA E QUANTIDADE DE ARTIGOS RECUPERADOS

PALAVRA-CHAVE	TOTAL DE ARTIGOS RECUPERADOS		
	CAPES	SciELO	BRAPCI
“arquitetura da informação” AND “gestão da informação”	48	14	1

FONTE: A autora (2022).

Essa combinação de palavras-chave foi feita com o modo de pesquisa *booleano*, acompanhadas de filtros limitadores: tipo de recurso (artigo), período (de 2000 a 2021) e idioma (português).

Após a busca, foi realizada a seleção dos textos pertinentes (etapa 7), onde os artigos selecionados foram todos os que contemplavam as palavras-chave no título, ou no resumo ou nas palavras-chave do artigo.

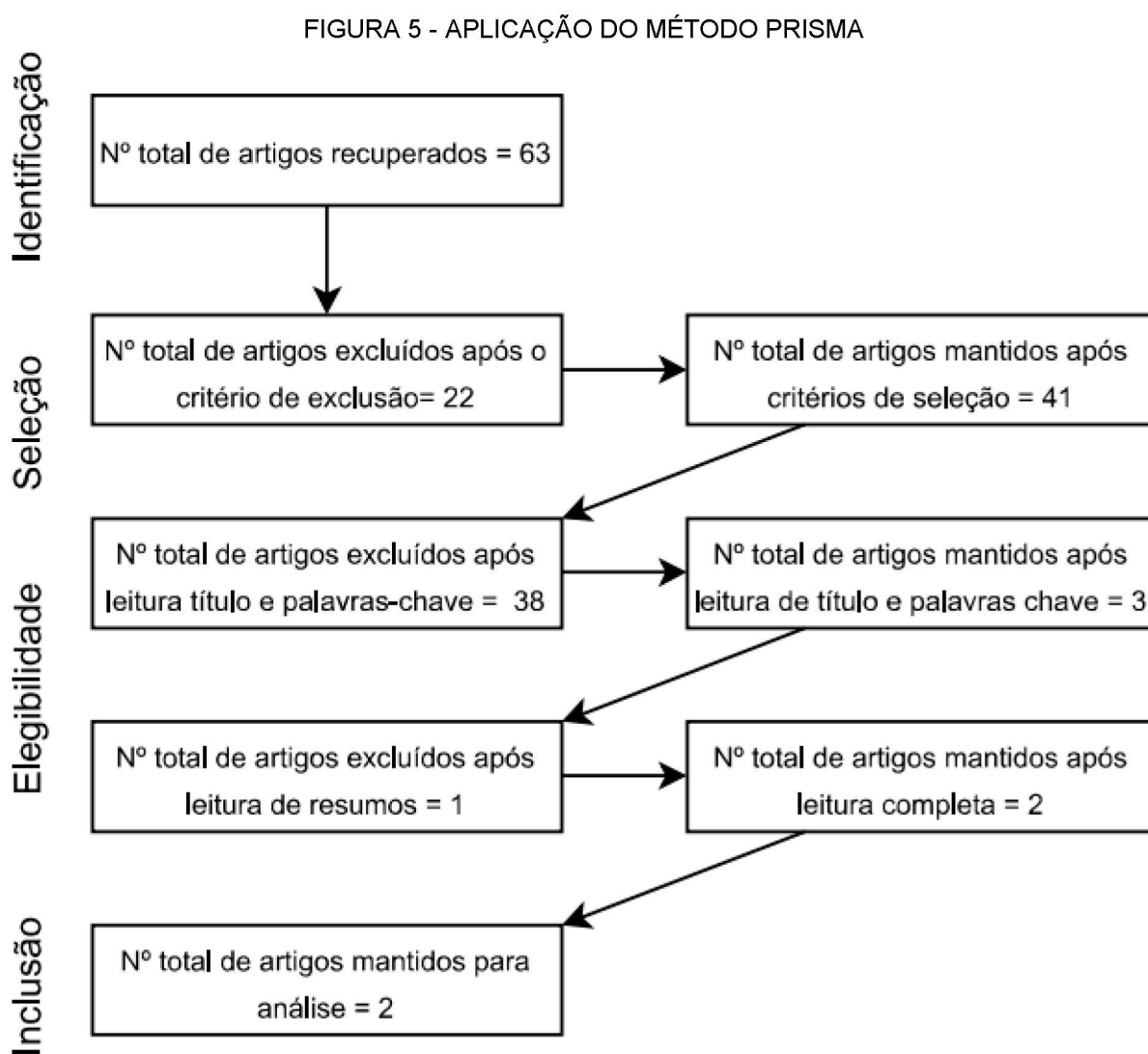
Na etapa 8, “descrição do método de extração dos textos”, foram exportados de cada base, os artigos selecionados, e importados para o ZOTERO, ferramenta de citação e gerenciamento de referência, onde foi feito a identificação de artigos duplicados e o gerenciamento de artigos pertinentes à pesquisa.

A etapa 9 consistiu em analisar os artigos recuperados com base no resumo e palavras-chave, buscando identificar quais artigos relacionavam a gestão da

informação com a arquitetura da informação. A partir disso, expõe o risco e limitação da pesquisa (etapa 10), onde o risco é de não ter grande quantidade de artigos que explicitam a contribuição da arquitetura da informação para a gestão da informação, bem como a limitação da pesquisa está em recuperar artigos apenas no idioma português.

### 3.2 APLICAÇÃO DO MÉTODO PRISMA

A aplicação do método PRISMA demonstra o processo de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão dos artigos utilizados para compor o resultado da pesquisa, conforme FIGURA 5 abaixo:



FONTE: A autora (2022).

A etapa de identificação foram aplicadas as palavras-chave definidas com o operador booleano AND, aplicado os filtros de tipo de recurso (artigo), período (de 2000 a 2021) e idioma (português). O retorno foi de 48 artigos na base CAPES, 14 artigos na base SciELO e 1 artigo na base BRAPCI, sendo um total de 63 artigos.

Na etapa de seleção, foi utilizado o Zotero, gerenciador de referências, onde ao exportar o arquivo de artigos de cada base, foi possível identificar a duplicação de 22 artigos. Estes foram excluídos da seleção por critério de duplicidade, o que diminui a quantidade de artigos mantidos após o critério de seleção para 41 artigos.

Já a etapa elegibilidade teve duas fases. Na primeira fase, o critério de elegibilidade é a leitura de títulos e palavras-chave que contemplasse as palavras chave, que resultaram numa exclusão de 38 artigos pois, esses, não contemplavam uma ou nenhuma palavra-chave definida no título ou palavra-chave no artigo. Os artigos mantidos após esse critério da primeira fase da etapa de elegibilidade foi de 3 artigos. Na segunda fase da etapa de elegibilidade, o critério é a leitura dos resumos dos artigos, o que resultou na exclusão de um artigo, sendo mantido 2 artigos para a análise de conteúdo.

## 4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os documentos mantidos para análise de resultados foram recuperados das bases Periódicos CAPES e Scielo. O resultado quantitativo da aplicação do método PRISMA é de dois artigos que condizem com a aplicação dos critérios de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão. Nesta seção serão apresentados os resultados qualitativos da análise de resultados.

O artigo 1 (um) é de Camboim *et al.* (2016), “Gestão da Informação em ambientes híbridos: condições de apoio da arquitetura da informação”.

O artigo 2 (dois) é de Moresi *et al.* (2010), “Mapeamento de informações organizacionais: um estudo na Embrapa”.

### 4.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ARTIGO 1

O artigo de Camboim, Targino e Sousa (2016), irá apresentar a Arquitetura da Informação Pervasiva como possível inter-relação com a Gestão da Informação a partir de atividades a serem feitas com o usuário, principalmente, nas etapas de obtenção e distribuição da informação. Os autores indicam que a arquitetura da informação pervasiva ressignifica alguns princípios da arquitetura da informação, como “arquiteturas da informação se tornam ecossistemas; usuários se tornam intermediários; o estático se torna dinâmico; o dinâmico se torna híbrido; o horizonte prevalece sobre o vertical; o design de produtos se transforma em design de experiências; experiências se tornam experiências "entre" canais” (CAMBOIM; TARGINO; SOUSA, 2016, p. 23).

Para fundamentar a arquitetura da informação pervasiva, Camboim, Targino e Sousa (2016, p. 23) apresentam as heurísticas para o desenvolvimento e a avaliação de ambientes informacionais híbridos, conforme o QUADRO 5:

QUADRO 5 - HEURÍSTICAS PARA A ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO PERVASIVA

HEURÍSTICAS	SIGNIFICADO
<i>Place-making</i>	Capacidade em facilitar o uso da informação, ajudando o usuário a reduzir as desorientações existentes, promovendo a encontrabilidade em diversos canais (baseada na Teoria Gestalt), ressaltando-se a diferença entre navegação espacial e navegação semântica.
Consistência	Capacidade de atender às finalidades, aos contextos e às pessoas a que se destina (consistência interna) e manter a mesma lógica ao longo dos diferentes canais de comunicação (consistência externa). Trabalha com categorizações, como taxonomias e folksonomias.
Resiliência	Capacidade que uma Arquitetura da Informação possui para se adaptar a usuários específicos e às duas necessidades; habilidade de se modelar a diversos contextos e circunstâncias.
Redução	Capacidade de um ambiente possui de minimizar a carga cognitiva e a frustração da escolha de um conjunto cada vez maior de fontes de informação, serviços e bens, que explicam a ansiedade da informação e o paradoxo da escolha.
Correlação	Capacidade de sugerir conexões relevantes entre informação, serviços e bens; capacidade de interligar produtos e serviços nos diversos canais informacionais, mantendo alinhamento nas taxonomias e na hierarquia da apresentação dos produtos nos diversos canais.

FONTE: CAMBOIM, TARGINO, SOUSA, (2016).

Camboim , Targino e Sousa (2016, p. 24) entendem que a informação é o principal recurso organizacional estratégico, uma vez que influencia diretamente na geração de conhecimento, e isso contextualiza a economia baseada em um ambiente globalizado e com organizações baseadas em conhecimento. Os autores entendem a gestão da informação como área que se ocupa do mapeamento e do reconhecimento dos fluxos formais de informação, existentes internamente e externamente à organização; bem como da prospecção, seleção, filtragem, e obtenção da informação; do tratamento, análise e armazenamento da informação a partir do uso de Tecnologias da Informação e de Comunicação (TIC); da disseminação e mediação da informação aos diferentes públicos existentes na organização e da criação e disponibilização de produtos e serviços de informação (CAMBOIM; TARGINO; SOUSA 2016, p. 24-25).

Para Camboim , Targino e Sousa (2016, p. 25) fica claro que os sistemas de informações gerenciais desempenham papel importante para a gestão da informação. Eles constituem um conjunto de componentes inter-relacionados que coleta (ou recupera), processa, armazena e distribui informações destinadas a apoiar a tomada

de decisões, a coordenação e o controle de uma organização. Para a autora, os sistemas de informação são considerados ambientes de informação, e neste contexto, a arquitetura da informação se preocupa em tratar a informação para sua recuperação, mediante a abordagem de sistemas automatizados, de banco de dados e/ou de catálogos de bibliotecas (CAMBOIM; TARGINO; SOUSA, 2016, p. 25).

Na tentativa de reunir as etapas comuns entre os vários modelos de gestão da informação, Camboim, Targino e Sousa (2016, p. 25) elencam cinco principais etapas das atividades de gestão da informação: (a) identificação de necessidades, requisitos e exigências da informação; (b) aquisição/obtenção, organização/tratamento/armazenamento da informação; (c) desenvolvimento de produtos e serviços de informação; (d) distribuição e disseminação da informação; (e) uso da informação. A autora esclarece que o gerenciamento da informação engloba um conjunto estruturado de atividades que incluem o modo como as empresas obtêm, distribuem e utilizam informações e conhecimentos, constituindo-se em processo.

Para que os Sistemas de Informação atinjam sucesso na fase de utilização, e, assim, contribuam para melhor Gestão da Informação, é necessário que atravessem, com êxito, as etapas prévias de concepção conhecidas (CAMBOIM, TARGINO; SOUSA 2016, p. 26). Já para a arquitetura da informação, segundo os autores, os sistemas de informação são referenciados em um contexto que influencia os estudos da arquitetura da informação. Esses estudos focam em como processar os dados e informações de maneira vantajosa para solucionar os problemas da gestão da informação na área de negócios. Assim, a Arquitetura da Informação assume papel importante na eficiência e na eficácia dos sistemas informacionais, identificando-se como processo da Gestão da Informação em negócios (CAMBOIM; TARGINO; SOUSA; 2016, p. 26).

Naturalmente, para Camboim, Targino e Sousa (2016) está claro que:

O gerenciamento da informação, segmenta os ambientes das organizações em ambiente externo, ambiente organizacional e ambiente informacional. O ambiente externo afeta o ambiente organizacional, o qual, por sua vez, afeta o ambiente informacional. Os seis componentes mais críticos do ambiente informacional são: estratégia da informação, política da informação, cultura e comportamento em relação à informação, equipe da informação; processos de administração informacional; e Arquitetura da Informação. Esta última é vista como um guia para estruturar e localizar a informação no âmbito da organização (CAMBOIM; TARGINO; SOUSA; 2016, p. 25).

A partir disso, os autores observam, então, a inter-relação de várias etapas dessas atividades com a arquitetura da informação, especialmente, no que diz respeito à organização e à busca de informações (CAMBOIM; TARGINO; SOUSA 2016, p. 25), conforme o QUADRO 6:

QUADRO 6 - INTER-RELAÇÃO ENTRE GESTÃO DA INFORMAÇÃO E ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO

(continua)

ETAPAS DA GESTÃO DA INFORMAÇÃO	ATIVIDADE	CONTRIBUIÇÃO DAS HEURÍSTICAS DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO PERVASIVA
Determinação das exigências	Definição das necessidades de informação (estruturada e não estruturada) da organização	-
Obtenção	Exploração automatizada e humana do ambiente informacional	Resiliência - capacidade de se adaptar às necessidades dos usuários e de suportar múltiplas estratégias de busca de informações num espaço informacional
	Classificação da informação numa estrutura pertinente	Consistência - obediência a uma classificação em categorias. Pode ser interna: capacidade de atender às finalidades, aos contextos e às pessoas a que se destina. Pode ser externa: manter a mesma lógica ao longo dos diferentes canais de comunicação.
	Formatação e estruturação das informações	Place-making (formatação e estruturação do espaço informacional de modo a promover a encontrabilidade); consistência (manutenção de uma lógica de categorização interna e externa); redução (trabalho com diretrizes organizacionais e de apresentação para auxiliar a na escolha de ambientes de explosão informacional); correlação (manutenção das conexões entre informação, serviços e bens ao longo dos canais informacionais mediante o uso de taxonomias comuns e hierarquia de apresentação das informações comuns).

(conclusão)

ETAPAS DA GESTÃO DA INFORMAÇÃO	ATIVIDADE	CONTRIBUIÇÃO DAS HEURÍSTICAS DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO PERVASIVA
Distribuição	Vinculação de gerentes e funcionários com a informação de que necessitam, graças a uma arquitetura informacional eficiente, estruturas políticas adequadas e investimento em tecnologia.	Place-making (definição de espaços que reduzam as desorientações existentes e promovam a encontrabilidades entre canais distintos); consistência (manutenção da mesma lógica de categorização num único canal ou através de vários deles); correlação (manutenção das conexões entre informação, serviços e bens ao longo dos canais informacionais mediante o uso de taxonomias comuns e da hierarquia de apresentação das informações comuns).
Uso	Etapa final do processo relacionada à tomada de decisão e intimamente dependente de um processo de significação pessoal.	

FONTE: CAMBOIM, TARGINO, SOUSA (2016, p. 27).

É possível afirmar que as heurísticas da arquitetura da informação pervasiva adequam-se às etapas da gestão da informação, principalmente, nas etapas de obtenção e distribuição. Em suma, a partir de um contexto atual, em que os usuários recorrem a diferentes mídias em contextos fortemente inter-relacionados e com arquiteturas da informação que se configuram como ecossistemas, é impossível pensar a Gestão da Informação isolada em um único ambiente (CAMBOIM, *et al.*, 2016, p. 28).

Camboim, Targino e Sousa (2016, p. 28) finaliza:

Requer que a Gestão da Informação se disponha a transpor as barreiras entre mundo físico e mundo digital, aproximando-os tanto quanto possível, para que possam trabalhar de forma harmoniosa. Quer dizer, diante de tal cenário, é imprescindível uma Arquitetura da Informação que contemple os dois mundos, no caso, a Arquitetura da Informação Pervasiva. O tráfego para os usuários entre os dois ambientes demanda, como antes mencionado, que o que se encontra no ambiente real seja o mais similar possível ao correspondente respectivo no ambiente virtual. E, na realidade, com base nas heurísticas da forma, adotando-se para os processos de Gestão da Informação as heurísticas da Arquitetura da Informação Pervasiva, parece possível tal interoperabilidade, face ao seu incontestável potencial para



auxiliar cada uma das etapas da Gestão da Informação visando alcançar seus objetivos” (CAMBOIM; TARGINO; SOUSA 2016, p. 28).

O artigo fomenta uma discussão acerca da relação entre Gestão da Informação e Arquitetura da Informação, no que diz respeito à interoperabilidade entre ambientes físicos e virtuais (CAMBOIM; TARGINO; SOUSA; 2016, p. 28).

#### 4.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO ARTIGO 2

O artigo de Moresi, Ramos, Prado (2010, p.104) focam na arquitetura da informação como contribuição prática e viabiliza essa prática através do mapeamento das informações em sistemas da informação. A autora contextualiza que a área da Tecnologia da Informação nas organizações possui um custo muito alto para manter e criar sistemas que atendam às necessidades informacionais dos usuários, e que mesmo assim, ainda existe uma enorme dificuldade em encontrar a informação de que se necessita (MORESI; RAMOS; PRADO; 2010, p. 104). Isso ocorre porque, intrinsecamente fica claro, que os usuários de determinada informação não sabem quais informações são tratadas e estão disponíveis em determinado sistema. Por não saberem quais são as informações tratadas nos sistemas organizacionais, pressupõe-se que os usuários não as utilizam adequadamente, não fazem com que sejam instrumentos de apoio para os processos de tomada de decisão da empresa, ou seja, os sistemas são subutilizados e, na maioria das vezes, deixados de lado (MORESI; RAMOS; PRADO; 2010, p. 105).

A partir disso, Moresi, Ramos, Prado (2016) ressaltam a importância de um mapa informacional que instrua o usuário onde ele está em relação à informação. A autora define mapas como meios metafóricos através dos quais se pode entender a informação que vem de fontes exteriores. Para criar um mapa de informações utilizando os conceitos da arquitetura da informação, tornou-se necessária a definição de um processo para orientar e padronizar a execução das atividades para elaboração do mapa (MORESI; RAMOS; PRADO; 2010, p. 105).

Para definir o processo de mapeamento de informações em sistemas, Moresi, Ramos, Prado (2016, p. 105) subdivide em três subprocessos: planejamento, elaboração e manutenção do mapa de informações, conforme o QUADRO 7:

QUADRO 7 - SUBPROCESSOS DO MAPEAMENTO DA INFORMAÇÃO

SUBPROCESSO	DESCRIÇÃO	ATIVIDADES
Planejamento	Tem como objetivo fazer um planejamento do que se deseja mapear na organização, ou seja, decidir quais sistemas de informação farão parte do mapa de informações a ser construído, assim como também definir a estrutura do mapa de informações da organização.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Definir o espaço informacional a ser mapeado;</li> <li>● Elaborar uma descrição básica dos sistemas de informação do espaço informacional.</li> </ul>
Elaboração	Tem como objetivo alimentar a estrutura do mapa de informações definida no subprocesso de Planejamento. Suas atividades devem ser executadas para cada sistema a ser mapeado.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Identificar o(s) processo(s) de negócio do sistema de informação; relacionar as áreas da organização que utilizam o sistema de informação;</li> <li>● Familiarizar-se com o sistema de informação a ser mapeado; definir o conteúdo a ser investigado para o mapeamento;</li> <li>● Analisar o conteúdo informacional para identificação das informações disponíveis;</li> <li>● Categorizar as informações identificadas;</li> <li>● Alimentar a estrutura física do mapa de informações;</li> <li>● Validar a categorização de informações realizada;</li> <li>● Validar o mapa de informação construído;</li> <li>● Disponibilizar o mapa de informações para ser utilizado na organização.</li> </ul>
Manutenção	Tem como objetivo manter o mapa de informações atualizado para garantir que as mudanças efetuadas nos sistemas de informação estejam refletidas no mapa. Toda modificação de necessidades de informação dos sistemas mapeados deve ser encaminhada para o arquiteto da informação poder atualizar o mapa de informações. Nesse caso o processo continuará a partir da atividade de Análise do conteúdo informacional, do subprocesso de Elaboração do mapa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Receber e analisar as atualizações de informações;</li> <li>● Atualizar a estrutura do mapa de informações.</li> </ul>

FONTE: adaptado de MORESI, RAMOS, PRADO (2010, p. 105).

Moresi, Ramos, Prado (2010, p. 105) detalham que o processo elaborado contém para cada atividade: definição, objetivo, o que fazer, responsável pela atividade, produto de entrada e produto de saída. A aplicação do processo tem como produto final o mapa de informações dos sistemas de informação da organização (MORESI; RAMOS; PRADO; 2010, p. 105). A autora baseou a estrutura do mapeamento da informação no modelo proposto por Zachman (1992), onde as descrições dos elementos desse modelo foram adaptados e está ordenado da seguinte maneira:

- o que (What) - que corresponde às informações;
- como (How) - quais os processos de negócio a informação estão associada;
- onde (Where) - local onde as informações podem ser encontradas;
- quem (Who) - que corresponde a qual área da organização é responsável pelo sistema de informação.

A partir dessa estrutura, Moresi, Ramos, Prado (2010) estabelecem um esquema de classificação onde elencou 7 metadados, para possibilitar as informações do espaço informacional acessíveis, conforme QUADRO 8:

QUADRO 8 - ESQUEMA DE CLASSIFICAÇÃO

Metadado	Descrição
Classe da informação	Correspondem ao agrupamento das grandes funções desempenhadas pela empresa, ou seja suas atividades fim e meio.
Subclasse da informação	Agrupamento das informações subordinadas a uma classe de informação
Subgrupo da informação	Subgrupo de uma subclasse da informação criado para detalhar a categoria da informação
Informação existente	Informação contida no sistema de informação.
Processo de negócio	Refere-se ao processo de negócio ao qual a informação está associada.
Unidade responsável	Unidade organizacional responsável pelo sistema de informação
Localização da informação	Em qual sistema a informação pode ser encontrada e em que local do sistema, podendo ser: numa tela de consulta, um relatório, manual do sistema, manual do usuário ou página da intranet. A mesma informação pode estar em mais de um local
Condições de acesso	Pré-requisito para acessar a informação, qual o perfil de usuário necessário para acessar a informação

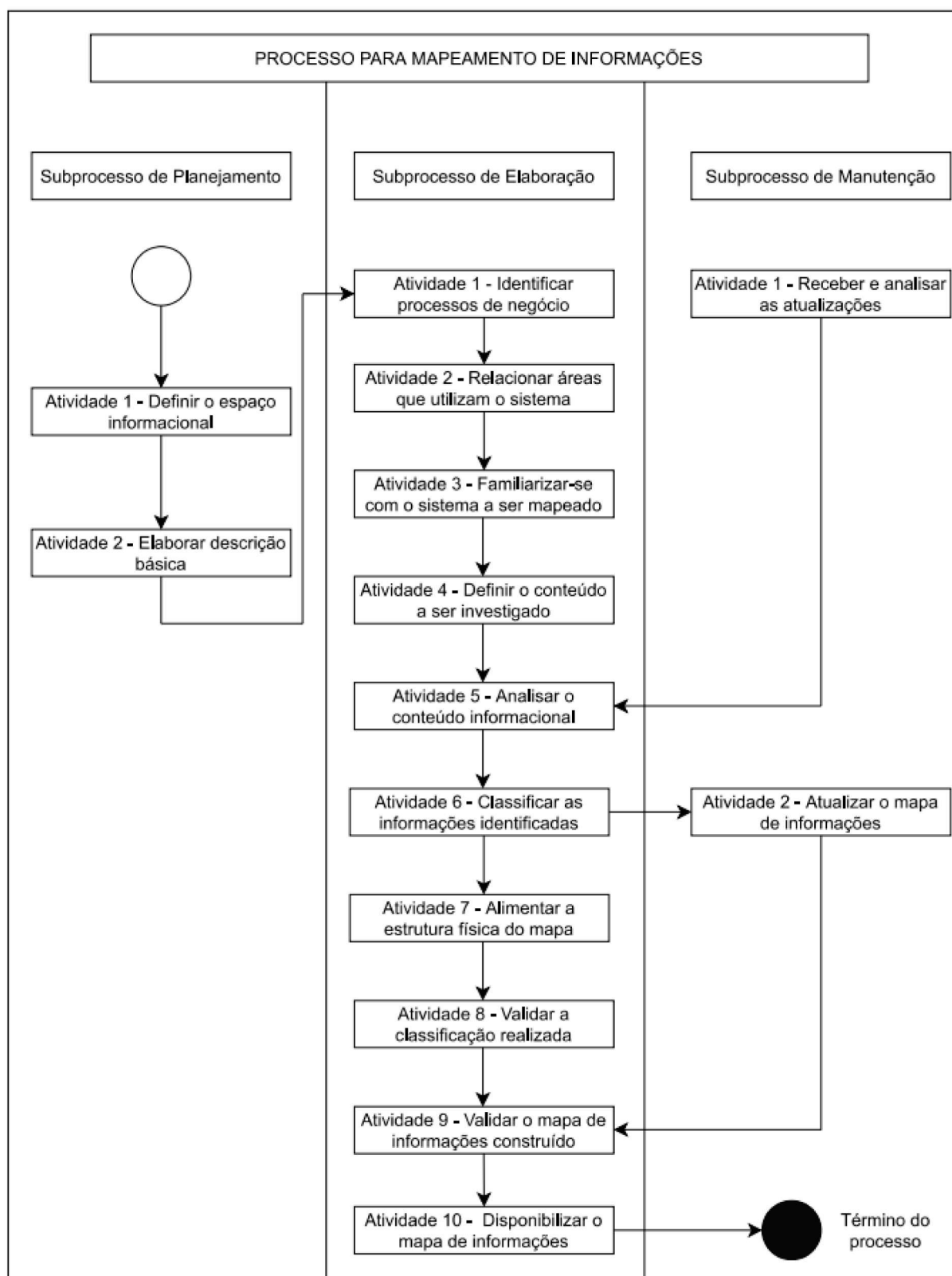
FONTE: Adaptado de MORESI, RAMOS, MATOS (2010, p. 107).

Moresi, Ramos, Prado(2010, p. 108) afirma que:

Para o sucesso de implantação do processo de mapeamento, recomenda-se: divulgar a importância da arquitetura da informação e do mapa de informações para a organização, além de seus benefícios; atribuir a função de mapeamento a um profissional da área de informação, que deverá estar dedicado exclusivamente à execução das atividades do processo de mapeamento; definir uma diretriz no processo de desenvolvimento de sistemas da organização para quando houver modificação das necessidades de informações de um sistema, que esta seja comunicada ao arquiteto da informação para atualização do mapa de informações existente; oficializar a atividade de validação da categorização das informações pelo arquivista da organização; usar como referência um Código de Classificação de Documentos para a classificação de todas as informações da organização; e divulgar constantemente, para toda a organização, o mapa de informações construído. (MORESI; RAMOS; PRADO 2010, p. 105).

O resultado do processo de mapeamento e esquema de classificação da informação, está disposta na FIGURA 6:

FIGURA 6 - DIAGRAMA DE ATIVIDADES DO PROCESSO DE MAPEAMENTO DE INFORMAÇÕES



FONTE: MORESI, RAMOS, PRADO (2010, p. 106).

Conclui-se que apenas a consulta disponível em sistemas informatizados não é suficiente para ter acesso à informação. A construção de um mapa de informações permite facilitar a localização e o acesso às informações armazenadas nos diversos sistemas corporativos (MORESI; RAMOS; PRADO; 2010, p. 108).

## 5 DISCUSSÃO

É possível identificar que os autores dos dois artigos entendem que a arquitetura da informação contribui como suporte de estruturação de um ambiente capaz de contemplar todas as etapas do processo de Gestão da Informação. O que difere é a maneira como cada artigo apresenta essa contribuição.

Para Camboim, Targino, Sousa (2016), é a arquitetura da informação pervasiva que irá auxiliar todo o processo de gerenciamento das informações. Isto porque, os autores acreditam que as heurísticas da arquitetura da informação pervasiva são mais facilmente penetrantes entre os recursos de tecnologia da informação, possibilitando aproximar o mundo real do mundo virtual. E para que isso seja possível, é necessário que a gestão da informação tenha seu processo definido dentro da organização para conseguir atuar de forma híbrida.

A noção de arquitetura da informação pervasiva foi apresentada por Andrea Resmini e Luca Rosati no livro *Pervasive information architecture*. É um conceito que está sendo construído sobre a constatação da hibridização cada vez maior entre os lugares físicos e virtuais (AGNER, 2018, p.157). Isto porque, segundo Agner (2018, p. 157) a informação também é digital, ainda mais com o surgimento da chamada internet das coisas, da mobilidade, da ubiquidade (os computadores hoje estão onipresentes) e com a conectividade generalizada por wi-fi, 4G ou 5G. A informação digital vazou da web e invadiu toda a sociedade, o mundo material e a cultura.

Os ambientes físicos e virtuais, analógicos e digitais estão muito mais integrados, e a arquitetura da informação passou a considerar a nova experiência sob a perspectiva holística, pervasiva e ecológica (AGNER, 2018, p. 158).

Camboim, Targino, Sousa (2016, p. 25) apontam que o ambiente externo afeta o ambiente organizacional, o que, por consequência, afeta o ambiente informacional. A partir disso, a autora explora o ambiente informacional a partir de sistemas e gestão da informação, vinculando a arquitetura da informação pervasiva para ter a aproximação do ambiente virtual o mais real possível do ambiente físico focado em sua interoperabilidade.

Já para Moresi, Ramos, Prado (2010), é o mapeamento das informações, a partir de sistemas de informação, que a arquitetura da informação vai dar suporte a gestão da informação. Os autores entendem que os recursos de tecnologia da informação fazem um grande esforço para atender as necessidades de informação

dos usuários, mas, muitas vezes, os próprios usuários recorrem a outras pessoas para saberem como encontrar determinada informação que já está disponível em algum sistema de informação. E isso ocorre porque os usuários não sabem quais informações estão disponíveis nos sistemas de informação disponibilizados pela organização (MORESI; RAMOS; PRADO; 2010)

Moresi, Ramos, Prado (2010) ressaltam a importância de se ter um mapa que possa identificar e apontar o caminho da informação para o usuário, e que demonstre onde ele está em relação à informação. Na prática, os autores descreve como foi o processo de mapeamento de informações na Embrapa, utilizando os processos e etapas de gestão da informação e arquitetura da informação, respectivamente. Os autores afirmam que, a partir de uma revisão literária, existe ausência de trabalhos que relatassem a respeito da aplicação prática da arquitetura da informação nas organizações.

Para entender como a arquitetura da informação contribuiu para os processos de gestão da informação nos resultados dos artigos de CAMBOIM, TARGINO, SOUSA (2016) e de MORESI, RAMOS, PRADO (2010), o QUADRO 9 demonstra a explicação:

QUADRO 9 - ANÁLISE DOS PROCESSOS DA GESTÃO DA INFORMAÇÃO E COMPONENTES DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO NOS RESULTADOS DOS ARTIGOS ANALISADOS

AUTORES	RESULTADO DO ARTIGO	PROCESSOS DA GESTÃO DA INFORMAÇÃO	COMPONENTES DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO
CAMBOIM, TARGINO, SOUSA (2016)	Arquitetura da Informação Pervasiva	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Identificação de necessidades (IN);</li> <li>● Definição de fontes (DF);</li> <li>● Coleta e tratamento (CT);</li> <li>● Disseminação / comunicação (DC);</li> <li>● Utilização / reutilização (UR).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Sistema de organização;</li> <li>● Esquemas ambíguos;</li> <li>● Estrutura de taxonomia.</li> </ul>
MORESI, RAMOS, PRADO (2010)	Mapeamento da Informação	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Identificação de necessidades (IN);</li> <li>● Definição de fontes (DF);</li> <li>● Coleta e tratamento (CT);</li> <li>● Armazenamento (AR);</li> <li>● Disseminação / comunicação (DC);</li> <li>● Utilização / reutilização (UR);</li> <li>● Avaliação / descarte (AD).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Sistema de navegação;</li> <li>● Esquemas ambíguos;</li> <li>● Estruturas: de taxonomias e de rede.</li> </ul>

FONTE: A autora (2022).



A partir do QUADRO 9, é possível entender quais são os processos de gestão da informação inerentes à aplicação dos resultados da arquitetura da informação pervasiva a partir dos componentes da arquitetura da informação, bem como para o mapeamento da informação. Ambos os autores contemplam a GI e AI como meios para apresentarem os resultados finais de seus respectivos artigos.

O resultado do artigo de Camboim, Targino, Sousa (2016), a arquitetura da informação pervasiva, não utiliza todos os processos da gestão da informação. Isso porque não fica claro onde a arquitetura da informação pervasiva poderia usar os processos armazenamento (AR) e utilização/reutilização (UR) da informação. Conseqüentemente, não explora os componentes de esquemas exatos e estrutura de banco de dados e redes, da arquitetura da informação.

O resultado do artigo de Moresi, Ramos, Prado (2010), o mapeamento da informação, utiliza todos os processos da gestão da informação. Mas não utiliza os componentes de esquemas exatos e a estrutura de banco de dados, da arquitetura da informação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo, apontar como a arquitetura da informação contribui para a gestão da informação. Para isso, foi necessário identificar o que existe de comum entre as áreas do conhecimento, realizar uma revisão sistemática para identificar quais artigos trazem GI e AI para compor seu conteúdo, e identificação das contribuições existentes.

A arquitetura da informação contribui para a gestão da informação como componente de estruturação de um ambiente informacional para que a gestão do recurso principal, a informação, tenha definido quais são as suas etapas (processos de gestão da informação) e como será feito (componentes da arquitetura da informação).

Os apontamentos dos objetivos da pesquisa orientaram, a partir da revisão sistemática, quais eram os artigos que contemplavam arquitetura da informação e gestão da informação. Foi, então, possível identificar dois artigos que atendiam os critérios da metodologia da pesquisa, bem como sua aplicação e resultados práticos.

A partir do item 5 **Discussão** desta pesquisa, é apresentado as considerações principais dos autores, dos artigos selecionados, em relação à arquitetura da informação e gestão da informação. Para os autores Camboim, Targino, Sousa (2016), é a arquitetura da informação pervasiva que vai auxiliar os processos de gestão da informação. Os autores, propõem a arquitetura da informação pervasiva como mais facilmente penetrantes entre os recursos de tecnologia da informação, e com isso, a gestão da informação se torna indispensável para a sua interoperabilidade. Para Moresi, Ramos, Prado (2010), o mapeamento da informação, a partir de sistemas de informação, é quem vai definir como a arquitetura da informação será utilizada para que os processos de gestão da informação possam ser executados com clareza para o usuário. Isto porque, os autores, ressaltam a importância de se ter um mapa que possa identificar e apontar o caminho da informação para o usuário, e que demonstre onde ele está em relação à informação.

Também fica claro que os autores, dos dois artigos selecionados, entendem a informação como principal recurso de valor e geração de conhecimento. Por isso, o indicativo de que é necessária uma arquitetura da informação para organizar, estruturar e disseminar a informação, e a partir de processos de gestão da informação, realizar o controle e melhorias contínuas das informações pertinentes.

A contribuição deste trabalho está em identificar quais são as contribuições da arquitetura da informação para a gestão da informação, a partir de uma revisão sistemática. E, também propor novos estudos acerca dos principais temas trabalhados.

Foi identificado que há pouco material disponível que contemple, de maneira conjunta, as grandes áreas do conhecimento, arquitetura da informação e gestão da informação. Outro *gap* identificado foi a quantidade de artigos escritos e disponíveis em português, idioma escolhido na metodologia da pesquisa. Há também o fator de período de busca dos artigos selecionados, inicialmente para a aplicação do método PRISMA, onde em 21 (vinte e um) anos, a quantidade de artigos, que envolve GI e AI, disponíveis para leitura são de 63 (sessenta e três). Para esta pesquisa, apenas 2 (dois) artigos foram selecionados.

Esta pesquisa se mostra com característica aberta. Isso significa que é possível expandir, explorar e desenvolver novas pesquisas. Possíveis indicações de temas de pesquisas, identificadas ao longo do desenvolvimento deste trabalho, são:

- A atuação do gestor da informação na arquitetura da informação
- Arquitetura da informação na prática profissional do gestor da informação.
- Competências “iguais” e divergentes nos profissionais gestores da informação e arquitetos da informação.
- Interação do modelo de Arquitetura da Informação e do modelo de Gestão da Informação.

Também é possível expandir o campo de busca dos artigos para outros idiomas, período de tempo e tipo de documento, uma vez que essa pesquisa foi limitada para o idioma português, no período de tempo de 2000 à 2021, com a recuperação dos documentos somente no tipo artigo.

## REFERÊNCIAS

AGNER, L. **Ergodesign e arquitetura da informação: trabalhando com o usuário**. 4ª edição, revisada e ampliada. Rio de Janeiro : Senac Rio, 2018.

CAMARGO, L. S. de A. de, VIDOTTI, S. A. B. G. **Arquitetura da informação: uma abordagem prática para o tratamento de conteúdo e interface em ambientes informacionais digitais**. Rio de Janeiro : LTC, 2011.

CAMBOIM, L. G.; TARGINO, M. D. G.; SOUSA, M. R. F. Gestão da informação em ambientes híbridos: condições de apoio da arquitetura da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 26, n. 3, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/90982>. Acesso em: 04 abr. 2022.

CORTÊS, P. L. **Administração de sistemas de informação**. São Paulo : Saraiva, 2008.

DAVENPORT, Thomas H., PRUSAK, Laurence. **Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação**. Tradução Bernadette Siqueira Abrão. — São Paulo : Futura, 1998.

LIMA-MARQUES, M., MACEDO, F. L. O. "Arquitetura da informação: base para a gestão do conhecimento". In: TARAPANOFF, K. (org). **Inteligência, informação e conhecimento em corporações**. Brasília: IBCIT, UNESCO, 2006.

MCGEE, J. V., PRUSAK, L. **Gerenciamento estratégico da informação: aumente a competitividade e eficiência de sua empresa utilizando a informação como uma ferramenta estratégica**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p.7-32, 1999. Disponível em: [http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html](http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html). Acesso em: 28 abr. 2022.

MORESI, E. A. D.; RAMOS, R. G. C.; PRADO, H. A. Mapeamento de informações organizacionais: um estudo na embrapa. **Transinformação**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 101-110, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/j3kDxKQz9SjsWsBpvVCfy9D/?lang=pt#>. Acesso em: 04 abr. 2022.

RAZZOLINI FILHO. **Introdução à Gestão da Informação: a informação para organizações no século XXI**. Curitiba: Juruá, 2020.

SENDOV, B. Entrando na era da informação. **Estudos Avançados**, v. 8, n. 2, p. 28-32, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/XfttrykQFmPCXPHmzCJTpTrS/?lang=pt>. Acesso em: 04 abr. 2022.

SORDI, J. O. de. **Administração da informação**: fundamentos e práticas para uma nova gestão do conhecimento. 2ª edição. São Paulo : Saraiva, 2015

TARAPANOFF, K *et al.* **Inteligência, informação e conhecimento em corporações**. Brasília : IBICT, UNESCO, 2006.